

# *TODOS OS NOMES:* MULTIPLICIDADE E MOVIMENTO

Carolina Becker Koppe Costa (UFPR)<sup>1</sup>

*Resumo: A partir do uso metafórico de termos como viagem e nomadismo, este trabalho propõe-se a discutir como o percurso do personagem central de Todos os nomes, obra de José Saramago, representa uma viagem errante rumo ao desconhecido. Ao tentar resgatar sua subjetividade e conhecer sua interioridade, o personagem saramaguiano se livra das amarras feitas pelo corpo social e consegue dar espaço ao aparecimento de situações e relações humanas que se perderam no turbilhão de contradições levantadas pelo homem moderno e enraizado.*

*Palavras-chave: viagem; José Saramago; modernidade.*

Estamos vivenciando há tempos um processo de redefinição de fronteiras, espaços, identidades e alteridades em que os conceitos que nos remetem àquilo que nos define no mundo ainda são muito contraditórios; ainda não foi possível nos livrarmos de alguns pesos colocados por anos de história mal escrita: o homem ocidental é a verdade que deve ser seguida, é o dono do mundo e do conhecimento de como ser cidadão desse mundo.

Ora, é na linha contrária a esse pensamento que os movimentos para uma redefinição de sentidos estão se contornando. Apesar de o difícil caminhar em direção à multiplicidade que a modernidade nos revelou, é possível perceber gestos significativos na tentativa de mudar a ordem das coisas e perceber que não existe um modelo ideal a ser seguido.

Ultrapassar fronteiras, sair de si e voltar a si, desterritorializar para reterritorializar. Essas são imagens que nos aparecem constantemente e que apontam para um movimento de deslocamento, em que a tendência ao permanente, ao hábito, entra em choque com o inacessível, o estranho, o estrangeiro. Deslocamento que pode ser compreendido como um movimento nômade, projetando no tempo e no

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários na UFPR. Bolsista Capes-REUNI. E-mail: [caro\\_bk85@hotmail.com](mailto:caro_bk85@hotmail.com).

espaço – não só de forma literal – um eu que reconhece as diversidades e tece as continuidades. Nômade é aquele que é errante, que não possui moradia fixa e que leva um modo de vida não sedentário. Move-se em uma determinada direção, mas nunca numa direção pré-determinada. Neste cenário, as fronteiras são movediças e os lugares não são determinados, são limiares e confins. Errante é aquele que é “ao mesmo tempo de um lugar e simultaneamente tendendo para um não-lugar” (Mafessoli 2001: 87).

Ora, idealmente a figura do nômade prefigura relações produtivas quando, de forma metafórica, pensamos em sua viagem errante rumo ao desconhecido. Viagem que pode ser representativa de situações e relações humanas que se perderam no turbilhão de contradições levantadas pelo homem moderno e enraizado.

Neste sentido, aquilo que se choca com o hábito, o estranho, é o que permite aos sujeitos modernos experimentar uma inquietação em seu estado de aparente plenitude, o que resulta em questionamentos que podem ser destrutivos e que ao mesmo tempo, e por isso mesmo, podem abrir um mundo de novas possibilidades.

Destrutivos no sentido do “caráter destrutivo” apontado por Walter Benjamin (1986), que justamente se alinha a uma frente de combate que visa destruir aquilo que é intocável com o intuito de abrir caminhos, não apenas um caminho, mas possibilidades que se cruzam, valorizando o caráter potencial das coisas, não importando o que será colocado no lugar do objeto destruído, mas privilegiando aquilo que pode vir a ser.

O caráter destrutivo conhece apenas uma divisa: criar espaço; conhece apenas uma atividade: abrir caminho [...] O caráter destrutivo é jovem e sereno. Pois destruir rejuvenesce, porque afasta as marcas da nossa própria idade; reanima, pois toda eliminação significa, para o destruidor, uma completa redução, a extração da raiz de sua própria condição (Benjamin 1986: 187).

Ora, reconstruir a experiência da modernidade, discutir o que essa reconstrução representa, necessariamente vai ao encontro da necessidade de destruição de estruturas rígidas e monumentos consagrados até então. Tal tentativa de reconstrução pode ser realizada através de pequenos gestos ou mesmo grandes ações. A destruição, então, já em seu significado primeiro, nos remete à ideia de movimento. É preciso se mexer para destruir. Esse é o movimento cuja trajetória pode coincidir com o de sair de uma zona de conforto aparente, do que é conhecido, rumo ao desconhecido, ao estranho.

Quando pensamos em literatura e como é possível, através da via do ficcional, que o caráter destrutivo, em última instância, e o movimento nômade, em primeira, manifestem-se, temos algumas possibilidades que podem se utilizar mais ou menos de aspectos formais e de conteúdo. Muitas vezes, certamente, esses aspectos aparecem mesclados, situados em um limiar no qual se confundem e que nos revelam o desejo de propiciar uma experiência que escape de um molde sedimentado, da cronicidade e do lugar de origem.

Tais questões apontam para o reconhecimento de que perceber o ser e estar no mundo significa ir além de uma identidade fechada.

A metáfora do nomadismo pode nos incitar a uma visão mais realista das coisas: a pensá-las em sua ambivalência estrutural. Assim, para a pessoa, o fato de que ela não se resume a uma simples identidade, mas que desempenha papéis diversos através de identificações múltiplas (Mafessoli 2001: 78).

É principalmente a partir da época moderna que a duplicidade do ser, ou sua multiplicidade, passa a ser recorrente na literatura – visto que os poetas modernos visam na criação de sua obra a exposição e problematização dos conflitos humanos mais atuais. Aquela personalidade tida como única e imutável do Renascimento dá espaço ao homem duplicado e a busca por conhecer essa dupla personalidade é flagrada nos textos literários e artísticos em geral. É principalmente a partir do romantismo que passamos a observar uma fratura entre o artista e a sociedade que o abriga. O artista não se reconhece mais na sociedade em que vive, na cidade que passa a se modernizar a partir do progresso tecnológico. Dessa fratura entre o eu e o mundo decorre uma cisão no próprio ser. É a partir disso que percebemos um enorme crescimento no número de obras que dialogam com o mito do duplo ou com a angústia do múltiplo.

Existe um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como “modernidade”. [...] Pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia (Berman 1996: 15).

Como resultado de um processo de constante desintegração de verdades, diluição do tempo e mudanças que se operam permanentemente, a ideia de indivíduo também se dilui, já que ao não se ter como ponto de apoio uma verdade absoluta para que se possa repousar com tranquilidade, o ser humano se vê igualmente como parte dessas constantes mudanças, entendendo-se tão fluido como o mundo que o cerca. Assim, a saída pode ser justamente perceber essa fluidez, encarando o movimento sem criar raízes, mas reconhecendo as multiplicidades e os devires.

É a partir dessas questões que adentramos no universo ficcional do escritor português José Saramago, que em diversos dos seus escritos questionou as raízes fixas, as hierarquias, o sujeito moderno encerrado em si mesmo, revelando novas possibilidades de abordagens que priorizam a mobilidade e a reinvenção daquilo que está sedimentado, jogando com o tempo de forma anacrônica, a demonstrar que contar história sobre o passado é confundir-se com o presente.

Em algumas de suas obras o que vemos é a narração de algo consagrado como verdade ser ceifado, abrindo um mar de possibilidades não antes contempladas. Este é o caso de *Memorial do convento* (1982), em que a história de D. João V é contada contemplando aspectos que normalmente não são considerados ao tratarmos da elite,

como também do povo, que deixa de ser menosprezado pelo relato ficcional, contrariamente ao que de forma recorrente acontece nos relatos de estudos históricos canônicos.

*Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) e *Caim* (2009) também podem nos servir de exemplos por apresentarem propostas religiosas diferentes do que a história sagrada nos revela, apontando, mais uma vez, para a destruição de uma esfera rígida e compacta que não admite a contestação, que não se abre para o múltiplo e desconhecido.

É assim que chegamos a uma análise mais profunda de uma das obras de Saramago. O livro *Todos os nomes* (1997) não trata de destruir núcleos rígidos e apontar possibilidades propriamente, mas problematiza a falta e a necessidade do movimento que chamamos de nômade, aquele em que o sujeito fechado busca ultrapassar limites, desterritorializa para reterritorializar, avança em direção a um lugar aonde o mesmo é contestado e o processo de homogeneização é escancarado.

A trajetória do personagem central de *Todos os nomes* nos demonstra exatamente um movimento de deslocamento. Sr. José é um auxiliar de escrita na Conservatória Geral do Registo Civil – instituição responsável por arquivar os registros de morte e vida das pessoas – que, por um acaso, encontra um verbete de uma mulher desconhecida e resolve investigar a sua vida. O que ele tem, no início, é apenas esse verbete com a direção da casa onde a mulher morou quando nasceu. Ao final do livro, vemos Sr. José visitar o túmulo desta mulher que comete suicídio enquanto ele a está procurando.

A Conservatória Geral do Registo Civil é descrita como uma instituição tradicionalmente rígida quanto às divisões hierárquicas dos cargos e quanto ao tratamento impessoal e severo que devem reger as relações de trabalho. A figura do conservador, chefe da Conservatória, é autoritária e aparentemente alheia aos problemas que não dizem respeito ao ambiente de trabalho. No entanto, ao longo da trajetória em busca da mulher, o chefe da Conservatória acompanha os passos dados por Sr. José através do acesso que possui à sua casa e ao seu diário. Logo depois que o auxiliar descobre que a mulher que procura está morta, o conservador baixa uma ordem de serviço em que o modo de se arquivar os verbetes, que antes separavam o arquivo dos mortos e dos vivos, deveria ser feito, a partir de então, de modo a agrupá-los como numa continuação.

Farei baixar portanto uma ordem de serviço em que se especificará, primeiro, que a partir desta data os mortos permanecerão no mesmo lugar do arquivo que tinham ocupado em vida, segundo, que progressivamente, processo a processo, documento a documento, dos mais recentes aos mais antigos, se procederá à reintegração dos mortos do passado no arquivo que passará a ser o presente de todos (Saramago 2007: 209).

Tal mudança na forma de se arquivar deve-se diretamente ao comportamento experimentado por Sr. José ao longo de sua busca: no início temos um indivíduo passivo, que não se reconhece como único e no final vemos um Sr. José que tem

consciência de si e que acaba se diferenciando em seu ambiente de trabalho a cada passo que dá em direção de si mesmo e da mulher que desconhece.

### **Movimento rumo ao desconhecido: uma experiência-limite**

Sr. José, funcionário em uma repartição pública, sempre fora o exemplo de conduta esperada em seu meio de trabalho: quieto, obediente, quase invisível e sem nome para seus colegas. Sua forma de contato com o outro se dava através de recorte de jornais e revistas a respeito de pessoas famosas de seu país, para além disso nada e nem ninguém interagira com o funcionário fora de seu expediente de trabalho.

A busca pela mulher desconhecida tem início quando o auxiliar de escrita, com o intuito de tornar mais completa a sua coleção e aproveitando-se da condição que possui de ter acesso à Conservatória fora do horário de trabalho, decide ir buscar nos documentos da Conservatória os registros dessas pessoas famosas. Com os verbetes nas mãos, ele percebe que possui um a mais, e que este não corresponde a nenhuma das pessoas da sua coleção; corresponde ao registro de uma mulher, desconhecida.

É neste momento que parece haver um ponto de ruptura na história que se acompanhou até ali. O verbete de alguém desconhecido chama a atenção do Sr. José de forma que o foco de seu interesse deixa de ser o conhecido e passa a ser o estranho, a desconhecida mulher.

Como este verbete há de certeza centenas no fichero, senão milhares, portanto não se compreende porque estará o Sr. José a olhar para ele com uma expressão tão estranha, que à primeira vista parece atenta, mas que é também vaga e inquieta, possivelmente é este o modo de olhar de quem, aos poucos, sem deseja e nem recusa, se vai desprendendo de algo e ainda não vê aonde poderá deitar a mão para tornar a segurar-se (Saramago 2007: 37).

Este parece ser o ponto em que o Sr. José deu a partida em sua transformação em relação ao seu estado apático e conformado diante da vida. Até então a perspectiva que possuía era a de uma história terminada, com a qual deveria se contentar em passar o resto de seus dias. O elemento estranho que passou a chamar sua atenção o colocou em um lugar em que passou a se encontrar constantemente em questão. O que passou a viver é aquilo que poderíamos chamar de experiência-limite, descrita através do raciocínio de Maurice Blanchot:

A experiência-limite é a resposta que encontra o homem quando decidiu se pôr radicalmente em questão. Essa decisão que compromete todo o ser exprime a impossibilidade de jamais deter-se em qualquer consolação ou em qualquer verdade que seja, nem nos interesses ou nos resultados da ação, nem nas certezas do saber e da crença. (Blanchot 2007: 185).

Certamente Sr. José, ao dar o passo em direção ao que lhe é estranho, apenas deu início a uma trajetória que o levou, mais tarde, a esse estado soberano propiciado pela experiência-limite. O processo desenvolveu-se aos poucos, na medida em que o personagem saiu de seu estado de homem enraizado e veio a possuir um potencial para romper com essa territorialidade. Através de um caso exteriormente banal – investigar o paradeiro de uma mulher – a densidade do personagem cresce ao desenrolar da narrativa, revelando as inquietudes de um sujeito moderno que não sabe muito como agir diante dos processos sociais a que é submetido. É assim que revela uma busca por respostas interiores, por vezes metamorfoseadas pelo teto de seu quarto.

Tinha o armário cheio de homens e mulheres de quem quase todos os dias se falava nos jornais, em cima da mesa o registo do nascimento de uma pessoa desconhecida, e era como se os tivesse acabado de colocar nos pratos duma balança, cem neste lado, um no outro, e depois, surpreendido, descobrisse que todos aqueles juntos não pesavam mais do que este, que cem eram iguais a um, que um valia tanto como cem (Saramago 2007: 38).

A partir desse momento, o auxiliar de escrita começa a traçar planos para descobrir quem é essa mulher e seu primeiro passo é procurá-la no endereço residencial que encontrou em seu verbete, que correspondia ao seu local de nascimento. A ideia de que poderia encontrar a mulher na primeira tentativa e ter que interromper o processo no qual se encontrava agora – o movimento em direção ao outro – deixou Sr. José apavorado, principalmente ao pensar em voltar aos seus hábitos costumeiros de colecionar pessoas conhecidas.

Uma angústia súbita apertou-lhe a garganta enquanto a razão afligida tentava resistir, queria que ele mostrasse indiferença, que dissesse, Melhor assim, menos trabalho me dará, mas a angústia não desistia, continuava a apertar, a apertar, e agora era ela que estava a perguntar à razão, E que vai ele fazer se já não pode realizar o que pensou, Fará o que sempre fez, recortará recortes de jornais, fotografias, notícias, entrevistas, como se não tivesse sucedido nada, Coitado, não acredito que o consiga, Porquê, A angústia, quando chega, não se vai embora com essa facilidade, Poderá escolher outro verbete e ir à procura dessa pessoa, O acaso não escolhe, propõe, foi o acaso que lhe trouxe a mulher desconhecida, só ao acaso compete ter voto nesta materia, [...] Só porque vivemos absortos é que não reparamos que o que nos vai acontecendo deixa intacto, em cada momento, o que nos pode acontecer, Quer isso dizer que o que pode acontecer se vai regenerando constantemente, Não só se regenera como se multiplica, basta que comparemos dois días seguidos, Nunca pensei que fosse assim, São coisas que só os angustiados conhecem bem (Saramago 2007: 47).

Através dessa conversa entre a angústia e a razão fica claro que a inquietação, a angústia corresponde ao campo do desejo, do múltiplo, do potencial, enquanto a razão, tão certa de si, corresponde ao campo da permanência, do conhecimento, do conhecido.

Sr. José, portanto, carregado com suas inquietações, continua sua busca e, devido a isso, começa a apresentar um comportamento diverso do que apresentara em seus vinte e cinco anos de carreira dentro da Conservatória Geral do Registro Civil. A cada passo que dá em direção à desconhecida mulher, dá também um no sentido contrário de se encaixar nos moldes da sociedade representada pela Conservatória; de um funcionário que passava despercebido como todos os outros, ele começa a chamar a atenção.

[...] o Sr. José, até aqui apreciado pelos seus vários superiores como um funcionário competente, metódico e dedicado, começou a ser objecto de avisos severos, de admoestações, de chamadas à ordem, que só serviram para o confundir ainda mais, sem contar que, pelo caminho que ia, podia ter como certíssima uma resposta negativa se alguma vez chegasse a requerer a ansiada dispensa (Saramago 2007: 78).

Seus dias deixam de configurar uma rotina calculada e passam a ser vividos na medida em que os desejos de aproximação com o desconhecido vão se manifestando. Depois de visitar a escola onde estudou a mulher e invadir, durante a noite, os arquivos do colégio em busca de novas informações, o auxiliar conseguiu descobrir mais endereços de moradia da desconhecida, o que não resultou em nada. De volta ao trabalho, na ânsia de ter o verbete da mulher desconhecida em suas mãos novamente – já que este já se encontrava novamente nos arquivos da Conservatória –, Sr. José fica perplexo ao notar que ele não se encontrava no lugar, o que só poderia significar que alguém o estava preenchendo com novas informações sobre a vida da desconhecida. A mulher havia morrido, sem que nem ao menos o auxiliar de escrita pudesse ter lhe depositado os olhos.

A morte da mulher, ao contrário do que poderia suscitar, não significou um abandono do movimento empreendido pelo personagem. A busca pelo outro, que agora passou a ser simbolizada pela morte, continuou, revelando que as inquietudes do Sr. José transformaram sua busca em uma procura por outro absoluto, que deixa de ser a identidade da mulher desconhecida e passa a ser, não importando o nome dessa pessoa, a sua morte - morte como aquilo que é inapreensível, incompreensível para qualquer ordem tranquilizadora das coisas.

Vimos antes de acabar o nosso tempo, trouxe-nos a nossa própria vontade, mas o que percebia dentro de si parecia-se muito mais com uma indecisão, com uma dúvida, como se, crendo ter chegado ao fim de tudo, a sua busca ainda não tivesse terminado, como se ter aqui vindo não representasse senão um ponto de passagem [...] (Saramago 2007: 233).

Assim, temos um sujeito que inicialmente era sedimentado em seu lugar de mais um funcionário servindo ao corpo burocrático de uma instituição que, ao emplacar um movimento em direção ao outro, vai deixando que esse outro o encha de inquietações e pensamentos que até então não fora capaz de ter e tentar compreender, até o momento em que o estranho se torna completamente estranho, que é o caso da morte, mas que, mesmo assim, não impede que a busca continue, já que é próprio do ser humano uma espera angustiada por conhecer o que ronda o inapreensível ato de morrer.

El hombre está siempre más o menos angustiado, porque siempre está a la espera: una espera a la que hay de llamar espera de sí. Porque debe captarse a sí mismo en el tempo futuro, a través de los resultados anticipados de su acción. Por eso muere plenamente, pues, en la perspectiva en la que se esfuerza incessantemente para alcanzarse a sí mismo, la muerte posible siempre está ahí, y la muerte impide al hombre alcanzarse (Bataille 1996: 82).

Para George Bataille (1996) a morte gera um temor porque é uma projeção que todo o ser humano faz do desconhecido. A morte é o outro elevado à máxima potência. Ela só deixará de ser uma angústia quando “el presente ya no está sometido a la exigencia del futuro” (Bataille 1996: 83). Nesse sentido, dizer que a morte impede o homem de se alcançar é dizer que o homem morre humanamente falando, já que não consegue viver o instante, mas está sempre vivendo entre o passado e constantes projeções do futuro.

Embora o auxiliar de escrita continue em busca do outro e não consiga, como nos aponta idealmente Bataille, viver sem temer o outro absoluto, é através de sua trajetória que a forma de se lidar com os arquivos de vida e morte da Conservatória sofre uma mudança significativa. Durante suas idas e vindas à procura da desconhecida, Sr. José, como já ficou claro, foi alterando seu comportamento, o que não passou despercebido pelos seus colegas de trabalho e, principalmente, pelo chefe da Conservatória.

O chefe – que possui acesso à casa do auxiliar de escrita - passa a acompanhar os passos dados do Sr. José através da leitura de um diário em que o auxiliar de escrita anotava todas as informações sobre o que vinha sendo a sua experiência. É a partir disso e das mudanças percebidas no comportamento do funcionário que o chefe toma a decisão de mudar a forma de se arquivar os verbetes na Conservatória. Até então os verbetes eram dispostos de forma separada: os arquivos dos mortos e os arquivos dos vivos. Os papéis dos mortos estão mal acomodados na parte de trás do edifício, enquanto os dos vivos encontram dificuldades em serem encaixados na parte da frente.

A ordem instituída pelo chefe da Conservatória passa a ser, então, a de que não mais se arquivariam os verbetes separadamente, ordem esta que vai contra a uma maneira tradicionalmente instituída por todos os outros chefes que por ali passaram. Dessa forma, há uma ruptura com o pensamento hierárquico repetitivo do passado. O passo dado pelo conservador, que ironicamente não significou a conservação do passado, significou uma “reintegração dos mortos do passado no

arquivo que passará a ser o presente de todos” (Saramago 2007: 204), o que nos leva a uma possível forma de anacronismo, gerador de uma tensão entre passado e presente capaz de propiciar novas possibilidades de compreensão.

O anacronismo vem, portanto, inserir no presente um elemento do passado com o intuito de reconfigurar o presente, contaminando-o, de forma a provocar uma tensão, revelando uma impossibilidade de unidade, de uma única verdade, do absoluto – aspectos que dizem respeito ao imaginário de uma identidade firmada e que preserva a sacralidade do passado.

Desse modo [anacrônico], o tempo se redefine como *tempo-com* (como diferença ou diferimento, como con-temporização ou atraso originário). Significa, portanto, que a essência do tempo é uma *co-essência* que atua, que se ativa, no presente de uma leitura. (Antelo 2007: 58).

O *tempo-com*, pode-se dizer, é o tempo que se ativa num presente, no instante, aquele que Bataille diz ser o instante em que a angústia de uma projeção futura – ou o voltar-se ao passado – deixa de ser pertinente, possibilitando uma abertura para o presente que, idealmente apaga, ou ameniza, as inquietações geradas pelo que pode significar a morte. Assim, aponta para um novo processo de construção de sentidos, em que as relações não são previamente determinadas e a origem não é exatamente o ponto principal para se definir uma identidade.

Através da trajetória do Sr. José - em que o estrangeiro a si foi capaz de proporcionar uma rede de desejos e descobertas - o campo fechado e sedimentado de seu ambiente de trabalho, regido por funções hierarquicamente construídas e que, igualmente, determinavam a distribuição da vida e morte dos membros daquela sociedade, sofreu uma espécie de implosão, uma destruição, possibilitando uma abertura para algo novo e a promoção de uma tensão não contemplada antes.

### Considerações finais

Certamente, pensando-se na melhor forma de resposta a essa implosão dificilmente chegar-se-ia ao discurso do chefe da Conservatória que baixou uma *ordem* explicitando como as coisas iriam seguir a partir de então. Retomando o caráter destrutivo de Walter Benjamin, não se trata de destruir para construir algo no lugar, mas sim de ver e abrir caminhos por toda parte.

De qualquer maneira, ao atentar-se para o que acontece a partir do caminho seguido pelo auxiliar de escrita em *Todos os nomes*, as discussões acerca do movimento em direção ao estrangeiro são válidas, na medida em que fica evidente que há uma pulsão, um desejo, no interior do Sr. José que o coloca no início de um processo de desterritorialização, provocado, inicialmente, pela descoberta do desconhecido, da mulher desconhecida. Esse processo, por sua vez, desencadeia outro, que é a mudança empreendida pelo conservador na forma arquivística da Conservatória. Por isso, mesmo que timidamente, tem-se a imagem de uma implosão, possibilitada por uma rede de relações que permite a descoberta de um ser/estar/fazer em constante mutação.

O livro, assim, escancara o modo como as instituições rígidas e hierarquicamente constituídas constroem sujeitos imersos em uma água parada, sem vida. É a própria imagem da árvore-raiz proposta por Deleuze e Guatarri: espaço formado por medidas milimetricamente calculadas, onde o tempo é linear, cumulativo e onde o ímpeto por organização mata o desejo. A figura da raiz alude a uma condição de rigidez, em que as coisas possuem um eixo principal a partir do qual devem continuar, onde o “um torna-se dois: cada vez que encontramos essa fórmula, [...], encontramos-nos diante do pensamento mais clássico e o mais refletido, o mais velho, o mais cansado.” (Deleuze; Guatarri 1995: 13).

É a partir desse pensamento de árvore-raiz que Saramago, com *Todos os nomes*, propõe a sua visão: a forma enraizada de se estabelecer as coisas no mundo não pode ser utilizada quando pensamos na multiplicidade de sujeitos que o compõe. Ato diversos, incompletude, desejos e pulsões apontam para maneiras mais complexas de se lidar com o mundo que, de maneira alguma, é homogêneo e fechado.

Sem dar respostas práticas e claras sobre como lidar com o diverso, até porque se tivéssemos respostas não teríamos movimento, o autor ao menos mostra que deixar o estranho, o múltiplo e o presente terem espaço em uma sociedade fincada no passado, no mesmo e no único, é uma maneira de saber lidar com questões relativas à existência do ser humano de forma aberta, sem estabelecer verdades, cânones, modelos, normas, etc.

É a partir do reconhecimento da fluidez da vida que foi possível, portanto, ler a obra de Saramago e atentar para a sua discussão e a sua forma de representar os processos de reconstrução daquilo que há muito é tratado como rígido e representativo de apenas um povo, uma nação: a sua identidade. Através da leitura privilegiando a multiplicidade das relações e o caráter de trânsitos em que nos encontramos hoje, é possível perceber uma iniciativa do autor de ler o mundo atentando para o seu caráter complexo, diverso e fluido.

### TODOS OS NOMES: MULTIPLICITY AND MOVEMENT

**Abstract:** From the metaphorical use of terms such as travel and nomadism, this paper proposes to discuss how the main character route in *Todos os nomes*, a work by José Saramago, is a journey into the unknown wanderer. When trying to rescue his subjectivity and know his interiority, the Saramaguian character is free from the bonds made by the social body and succeed to give space to the emergence of situations and human relationships that lost themselves at the whirl of contradictions raised by the modern and rooted man.

**Keywords:** journey; José Saramago; modernity.

### REFERÊNCIAS

ANTELO, Raul. *Tempos de Babel: anacronismo e destruição*. São Paulo: Lumme Editor, 2007.

BATAILLE, George. *Lo que entiendo por soberanía*. Tradução: Pilar S. Orozco y Antonio Campanillo. Barcelona: Paidós, 1996.

BENJAMIN, Walter. O caráter destrutivo. In: *Documentos de cultura. Documentos de barbárie (Escritos escolhidos)*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986, pp187-188.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BLANCHOT, Maurice. A experiência-limite. In: *A conversa infinita. A experiência limite*. Tradução: João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2007, pp. 183-222.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. V.1.

MAFESSOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

\_\_\_\_\_. *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. *O evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

---

**ARTIGO RECEBIDO EM 31/08/2012 E APROVADO EM 25/10/2012.**